



II SEMINÁRIO
DE FILOSOFIA
E SOCIEDADE:
Multiplicando Pensamentos



A ONTOLOGIA E HERMENÊUTICA EM HEIDEGGER

**Caroline Alexandre Maciel; Eduarda Ramos Pereira; Daniela Marcelino;
Greice kely dos Santos Bazani Cunha; Helen Goulart; Marcela de Jesus
Motta; Vanessa Martins Romancine**

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo discutir a relação entre o *ser aí*, com o *ser* e o *ente* segundo Heidegger, visando assim ampliar o conhecimento na área da filosofia ontológica. No livro de Heidegger, Ontologia (Hermenêutica da faticidade), estuda-se o ser e a existência, o ser aí próprio de cada ocasião, a hermenêutica por sua vez busca compreender o ser aí, a partir da interpretação, por meio dos questionamentos em cada caso, esta questionabilidade ôntica leva a inquietude, pois, de acordo com a ontologia o homem tem a abertura para se aproximar ao ser.

Palavras chave: Heidegger. Ontologia. Ser aí. Ocasionalidade.

Introdução

Segundo Heidegger (2013), a ontologia estuda o ser e a existência de nosso ser aí em cada ocasião. A hermenêutica tem como objetivo questionar e explicar a faticidade, ou seja, a situação característica da existência humana e apresenta como tarefa, tornar acessível o ser aí próprio em cada ocasionalidade, a fim de comunicá-lo e esclarecer essa alienação que pode ser compreendida como a diminuição da capacidade do indivíduo de pensar por si próprio enquanto ser aí.

Heidegger (2013) declara que a hermenêutica, não tem por objetivo a posse de conhecimentos, mas sim um conhecer existencial, isto é, um ser que surge da experiência de um estar desperto, ou seja, dizer que está ativo em uma autointerpretação.

O ser é a essência, sendo o ente por sua vez tudo aquilo que existe, no entanto o ser aí é o meio entre o ente e a essência. O Homem é o ser aí, que



II SEMINÁRIO DE FILOSOFIA E SOCIEDADE: Multiplicando Pensamentos



em alemão chama-se *Das-ein*, e possui capacidade e consciência de ter um ser, alcançando assim a autenticidade.

Tal compreensão se origina na interpretação seguindo duas linhas, a consciência histórica de hoje, que é a maneira como o hoje ocasional vê e aborda o ser aí próprio do passado e a filosofia de hoje que é a maneira como se preserva a interpretação, surgindo à tarefa de determinar *o todo do ente*.

O caráter ontológico segundo o autor é a possibilidade de ser, que varia faticamente segundo a situação à qual é dirigido a questionar-se. Essa possibilidade de ser corresponde conforme o caráter ontológico à questionabilidade ôntica relacionada ao ser: cuidado e inquietude (HEIDEGGER, 2013).

Segundo Heidegger (2013), a faticidade como um ser aí em sua ocasionalidade, é uma das causas que levou o abandono do estudo do ser, abordada pelo autor como o impessoal – inautêntico, o ser e o estar aí com os outros. Deste modo a referência fica reduzida ao que se costuma chamar de “tendências interessantes” do presente, o hoje é o modo de passatempo ampliado e interminável. Na falação situa-se uma compreensão determinada, que o ser aí possui de si mesmo: o “como isto ou aquilo”. A falação não pertence a ninguém, ninguém se responsabiliza pelo que foi dito de maneira impessoal.

O ser aí, fala de si mesmo, contudo, isso é apenas uma máscara pela qual ele se encobre, a fim de não se espantar diante de si, pois se trata de uma prevenção da angústia. O ser aí possui uma compreensão de si mesmo que o conforma que o limita. A vida humana, é parte integrante daquilo que é questionado, então é necessário questionar o ser aí no hoje, em sua ocasionalidade (HEIDEGGER, 2013).

De acordo Heidegger (2013) a cotidianidade do ser aí é o impessoal – inautêntico, assim a singularidade mantém encoberta a possível propriedade do ser aí, que pode ser um “ser em um mundo”. A ocasionalidade constitui uma



situação na qual a cotidianidade se encontra delimitada por uma proximidade ocasional, cujo ser ou estar aí se dá em um demorar-se nele. Este demorar-se é um demorar-se contemplativo apenas, mas justamente num modo de entreter-se com algo.

O ser aí na relação com “os outros” se determina a partir da cotidianidade, e busca por meio da escuta o que os outros dizem a respeito, assim se apresentam nisso ou se tornam manifestos. O modo como os outros vêm ao encontro em cada ocasião se manifesta precisamente naquilo que fazem, naquilo que se ocupam (HEIDEGGER, 2013).

O autor afirma que é necessário remodelar a tradição do questionar filosófico até as fontes do assunto que está em jogo, a tradição deve ser desconstruída, ou seja, retomar à filosofia grega, a Aristóteles, para ver como decaí e fica encoberto o que era originário (HEIDEGGER, 2013).

Os estudos realizados pelo livro *Ontologia: hermenêutica da faticidade* de Martin Heidegger teve como objetivo principal fazer uma reflexão a respeito dos efeitos causados pelo abandono da pergunta relacionada ao ser. Em decorrência deste abandono, nos dias atuais, o ser aí se encontra imerso em suas ocupações dentro da faticidade, Ocasionalidade que o faz se distanciar da busca pelo ser, que fica preso às questões relacionadas ao ente, deixando de questionar a existência do ser, como eixo central.

Tal assunto é relevante na atualidade, levantando a problemática: o que é o Ser? E porque foi abandonado o estudo do Ser? A consequência deste abandono induz a uma crise existencial muito diferente do processo de angústia que poderia o levar para a reflexão do que é o Ser.

Resultados e discussão

A problemática a respeito do estudo do ser está embasada na seguinte pergunta: Porque foi abandonado o estudo do ser? De acordo com Heidegger



II SEMINÁRIO
DE FILOSOFIA
E SOCIEDADE:
Multiplicando Pensamentos



(2013), sabe-se que tal abandono se dá pela queda, ou seja, pelo cair na ocupação e no falatório.

A história da filosofia precisamente para Heidegger (2013) foi uma história que fechou esta pergunta, pois, já diz o que as coisas são, quem as pessoas são e a partir do que as pessoas são, através do modo de ser e ver o mundo que foram impostas em nossa história. Não abre, apenas define, ou seja, normatiza.

De acordo com Heidegger (2013), toda compreensão que temos do mundo e de nós mesmos é sempre pré-conceitual, em que os discursos giram em torno de uma visão pré-estabelecida e preconceituosa. É necessário que essas normatizações sejam rompidas para que o ser aí consiga entrar em contato com o processo de angústia.

Para conseguir ver as coisas como elas são, é preciso desvelar, segundo a fenomenologia, tirar o véu, remover os conceitos pré estabelecidos e entender as coisas a partir delas mesmas (HEIDEGGER, 2013).

Segundo Heidegger (2007), somente representa-se o que é técnico, quando se satisfaz com a técnica, deste modo, se permanece sem liberdade, mesmo que se negue ou a valide cegamente, o ser aí está entregue à técnica quando a considera como algo neutro.

A arte volta à pergunta do ser sendo a razão que abre e é a partir dela que se questiona, portanto vivencia-se o processo de angústia para chegar à essência. Contudo, quanto mais se reflete e questiona-se sobre a essência da técnica, mais carregada de enigmas será a essência da arte (HEIDEGGER, 2007).

Assim segundo Heidegger (2007), quanto mais o ser aí olhar para si próprio, quanto mais ele se questionar, mais próximo o mesmo estará da consciência de ser a partir do que ele é, pois, é na essência que produz raízes e desenvolve aquilo que salva.



Considerações finais

Diante dos estudos levantados a respeito da ontologia, segundo Heidegger, reconhecemos a importância de retomar o estudo do ser, que foi esquecido no decorrer da história, causando distanciamento do ser aí, em relação a busca do ser. O que o impede dessa abertura ao ser são os vários tipos de queda, tais como a ocupação e o falatório.

Na atualidade tal tema é de fundamental relevância, pois o ser aí jogado na terra resulta na falta de questionamentos diante das ocupações e pouco contato com a busca do ser. O processo de angústia segundo Heidegger (2013), é o modo que este ser aí, se aproxima da abertura ao ser, tornando-se mais reflexivo e questionador sobre a essência e a imagem de si.

Referências

HEIDEGGER, Martin. **Ontologia**. Hermenêutica da facticidade. Trad. Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes, 2013.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. **Scientiæzudia**, São Paulo, v.5, n.3, p. 375-378, 2007.

Disponível em:

<<http://www.periodicos.usp.br/ss/article/download/11117/12885>> Acesso em: 30 out. 2016.